

LEITURA E ENSINO DA LITERATURA: REFLEXÕES

Míriam ZAFALON (mestranda – PLE – UEM)

RESUMO

Este trabalho aborda o ensino da literatura no ensino médio. Pretende-se mostrar como a escola e os professores têm agido em relação à leitura dos textos literários no ambiente escolar, enfatizando técnicas que venham a contribuir com a melhoria das aulas de literatura no ensino médio. Observa-se que muitos docentes têm estado alienados, apáticos, acomodados em relação ao ato de ler e ao trabalho com as obras literárias. Objetiva-se, aqui, demonstrar que, para formar leitores, é necessário que os professores também se transformem em indivíduos mais assíduos no ato de leitura. A emancipação dos leitores ocorrerá na medida em que o processo de leitura literária na escola seja permeado por uma concepção de leitura que colabore dinamicamente com o processo de produção de sentidos e com a interação entre leitor e obra literária. O método recepcional, divulgado pelas autoras brasileiras Aguiar e Bordini, embasado na estética da recepção, constitui-se num dos caminhos teórico-metodológicos para uma reconstrução das formas de ler na escola.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Método Recepcional.

INTRODUÇÃO

O ensino da literatura tem enfrentado uma verdadeira “crise” nos últimos anos. É fato facilmente verificável que os jovens cada vez se afastam mais do livro em busca de outros recursos de apreensão do mundo, mais modernos e atrativos, como a televisão e, principalmente, o computador. Tudo isso é o efeito de um processo de desenvolvimento das tecnologias, mas também, de massificação do ser humano. Adorno (2003) reflete sobre essa questão, observando que o homem moderno não tem mais o que narrar, uma vez que vive num mundo em que a estandarização e a mesmice imperam, e o indivíduo acha arcaica a atitude de ler um bom livro, como se isso já tivesse caído em desuso. É exatamente nesse ponto que o professor de

literatura precisa atuar com habilidade, no intuito de desmistificar a leitura literária como uma atitude improdutiva para os jovens que vivem a era da informática.

Aguiar e Bordini (1988) revelam que há um desinteresse crescente pela literatura entre os alunos. Unido a isso, ocorre despreparo de muitos professores quanto à abordagem da obra literária, pois não estão inserindo na sua prática, dinamismo e motivação capazes de ir ao encontro das aspirações dos alunos. Isso advém não apenas das dificuldades inerentes à didática do ensino, mas também, por causa da própria experiência de leitura. Ler é algo que parece estar “escasso” entre nossos estudantes. É comum os alunos não encontrarem “utilidade” para o ensino da literatura e não sentirem prazer com esse aprendizado.

Algumas escolas e professores caracterizam o ensino da literatura na atualidade como uma atividade que prima pelos estudos diacrônicos de determinados autores, trabalhando com textos fragmentados no livro didático, propondo leitura de resumos que se limitam à historiografia literária e biografia de autores. Tal procedimento impede os nossos alunos de “lerem” o texto literário e de exercerem seu pensamento crítico e criativo.

A LEITURA LITERÁRIA E O ENSINO DA LITERATURA

Segundo Aguiar e Bordini (1988), o livro é o instrumento que expressa todo e qualquer conteúdo humano individual e social de forma cumulativa. A partir da leitura o indivíduo é capaz de compreender melhor sua realidade e seu papel como sujeito nela inserido. Os textos, especialmente os literários, são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outros tempos. Nas palavras de Larrosa (2000), ler consiste em ver as coisas diferentes, coisas dantes nunca vistas, entregar-se ao texto abandonar-se nele e não apenas apropriar-se dele para nossos fins. As pessoas crescem lendo e são permanentemente leitoras em formação, recebendo a cada etapa de sua vida uma nova carga significativa para os conhecimentos já acumulados por suas leituras anteriores.

Um texto não é um objeto fixo num momento histórico; ele lança seus sentidos e tem sua continuidade nas composições de leitura que suscita. Não cabe ensinar literatura perguntando apenas “O que o texto pode querer dizer?”, mas sim, e

especialmente, “Como o texto funciona em relação ao que quer dizer?”. O leitor ou interlocutor interage com o texto, constrói sentidos, expõe suas relações com a língua, exterioriza seus conhecimentos prévios, preconceitos, pontos de vista. Ao final de cada leitura, o texto já é um novo texto.

Aguiar e Bordini (1988) reforçam que vivemos numa sociedade desigual e isso se reflete na leitura. O pluralismo cultural é uma alternativa para a adequação aos vários níveis de leitores das diferentes classes sociais. Apesar disso, qualquer indivíduo, pertencente a qualquer classe social pode ser motivado para a leitura, desde que se identifique com essa ação. Através do livro, o homem pode ser capaz de dar significado a si mesmo e ao mundo que o cerca. Para Lajolo (1982), quanto mais o leitor for maduro e quanto mais qualidade estética tiver um texto, mais complexo será o ato de leitura. Sendo assim, o texto literário se revela um meio eficiente de contato com a pluralidade de significações da língua, favorecendo o encontro com esses significados de forma abrangente, ampla, diferentemente dos materiais informativos que prendem-se aos fatos particulares.

Leite (1988, p. 12) expõe uma significação para o texto literário:

O texto literário [...] não só exprime a capacidade de criação e o espírito lúdico de todo ser humano, pois todos nós somos potencialmente contadores de histórias, mas também é a manifestação daquilo que é mais natural em nós: a comunicação.

O texto literário não mostra apenas os fatos, mas a complexidade de pensamentos que circundam e permeiam esses fatos, diferenciando o homem de cada época e de cada lugar, envolvido em seus processos histórico-sociais. Portanto, a linguagem literária é capaz de deixar lacunas que são preenchidas quando o leitor interage com o texto, unindo à leitura suas experiências anteriores, “atualizando” o ato de leitura, aproveitando-se da plurissignificação do texto literário para executar leituras variadas. O discurso não é individual, não tem um fim em si mesmo; portanto ele “percorre”, ele nunca está pronto, depende dos falantes. Isso significa que a leitura promove maneiras diversas de ver e entender o mundo; o texto é uma potencialidade significativa, mas necessita do leitor para ser potencializado. Portanto, o sentido só vem à tona se o leitor for influenciado pelo texto e se sentir despertado; os aspectos textuais evocam um leitor real para que o horizonte de sentido desenvolvido possa agir sobre o

sujeito-leitor. A obra literária abre as portas para um leitor que tem o direito de construir sua visão de mundo, com todo o arsenal de significações que se possa embutir através dessa leitura e, a partir disso, pode haver uma revisão de conceitos e do papel que esse leitor exerce em sua realidade. Larossa (2000) diz que a obra não pertence ao leitor, mas o contrário; devemos prestar atenção para derivar o verdadeiro sentido da obra. Para Iser (1999), nos textos ficcionais, os sentidos vão além do denotativo, os signos trazem à luz e desvendam muito mais do que a simples designação de algo dado. A linguagem do texto literário revela mais do que diz, e essa revelação é o seu verdadeiro sentido. Dessa forma, o texto literário *diz*, mas esse fato está intrinsicamente relacionado ao ato de representação do leitor. Pois a criação de sentidos, para Iser, é um ato criativo; espera-se que o leitor imagine, ou melhor, faça sua representação a respeito do texto, a partir de uma sequência de aspectos que o próprio texto oferece.

Segundo Lajolo (2001), outro aspecto a ser destacado na leitura é a percepção dos elementos de linguagem que o texto manipula. Dessa maneira, a leitura literária permite ao indivíduo descobrir-se em seu papel de interação com o texto. Para isso, a escola deve promover o “encontro” entre leitor e texto, permitindo que esse leitor se reconheça na obra, sinta que sua cultura pode estar vinculada com o texto lido. Sendo assim, para iniciar a formação do leitor, é assaz importante oportunizar a leitura de textos literários próximos à sua realidade, pois quanto mais familiaridade o texto despertar no leitor, mais haverá predisposição para a leitura, suas expectativas estarão sendo priorizadas em relação ao ensino da literatura.

Rocco (1992) nos lembra que a literatura, hoje, já não é a maneira mais difundida para explicar o mundo e para transmitir valores; vivemos num tempo de imagens, no qual o signo linguístico já não tem o mesmo valor significativo de outrora. Sendo assim, em meio a essa competição entre os variados veículos de comunicação, a literatura precisa fazer a diferença como produto vivo e integral do espírito humano, ela precisa ser atraente aos olhos de nossos estudantes, já tão acostumados ao mundo dos recursos midiáticos, ao mundo da técnica e da automação. Os textos selecionados devem ser motivadores, instigantes e o professor será o responsável pela aceitação ou

não desse tipo de atividade, é ele quem vai selecionar as leituras que mais se adaptam aos seus alunos.

Segundo Rocco (1992), o ensino da literatura deve ser conduzido de tal forma que se perceba do que nossos alunos são capazes em termos sociais, afetivos e mentais e a partir disso possamos definir as escolhas e o nível de aprendizagem que queremos. Para Larrosa (2000), lemos para descobrir o que o texto “pensa”; então, quando lemos, estamos sendo habilitados a “pensar”. Esses critérios ajudarão a trabalhar com a literatura com objetivo de valorizar o que o texto traz de novo, bom, interessante e não privilegiar apenas biografias de autores, características de escolas literárias, totalmente isolados de uma consciência histórico-social, em detrimento do texto em si.

É importante que o professor estabeleça um elo de ligação entre o aluno e o texto literário, e a partir daí, que os novos leitores encontrem-se consigo e com os outros seres. Segundo Silva (1985, p. 58, grifo do autor) “um dos objetivos básicos da escola é o de formar o *leitor crítico da cultura* – cultura esta encarnada em qualquer tipo de linguagem, verbal e/ou não verbal.” O que se tem visto é que o professor, muitas vezes, atrapalha essa interação, ditando as regras que considera as mais convenientes, utilizando as estratégias mais maçantes, com estudos intermináveis de características de escolas literárias e de biografias de autores que não tem tido outro objetivo além da informação em si mesma. Não se pode negar a importância dos estudos promovidos pela história literária, afinal, como reforça Leite (1988), as funções da literatura só ganham sentido se forem discutidas em relação a circunstâncias históricas; porém, estes estudos devem ser efetuados de tal maneira que concorram com a análise e apreciação dos textos literários, verificando a recepção do texto, as condições de produção e demais fatores intimamente ligados a uma leitura mais aprofundada. Não se deve tratar o texto como um objeto sagrado, mas sim, como um espaço simbólico de linguagem, no qual se entrecruzam vários discursos e saberes. O estudo da história da literatura deve ser focado paralelamente ao das obras escolhidas, a obra deve ser localizada no tempo para que dê uma consciência do seu lugar histórico e do que esse fato representa para sua análise e entendimento; o que não deve haver são exageros, um ensino estático do passado, esvaziado da matéria literária. A leitura de textos

literários deve ser “algo em si” e não “algo que serve para”. Para Rocco (1992) essa “cultura” que os professores insistem em passar através do ensino da literatura e que consiste em “saber coisas”, encontrar uma finalidade “prática” não é o que se espera, não é o que os alunos esperam aprender. Sobre isso, Larrosa (2000) afirma que a função da literatura está em questionar as convenções e a linguagem “fossilizada” que são impostas sem nenhuma reflexão. Na verdade, o professor de literatura deve saber unir na sua tarefa de ensinar a busca do valor da linguagem e funções de um texto, a organicidade dessa linguagem (através da gramática) e a preocupação com as dimensões humanas, sociais, psicológicas existentes na literatura, tudo isso, de maneira bem dosada e que desperte a atenção do leitor para o texto. Bem orientados, os leitores valorizarão a linguagem literária e poderão até estabelecer algumas relações formais, mesmo que em nível bastante simplificado.

A questão do cânone literário tradicionalmente estabelecido também é fator digno de ser abordado nessa reflexão sobre o ensino da literatura. Ensinar literatura é uma tarefa que permite verificar como o cânone foi organizado no decorrer das diferentes épocas, como foi estabelecido o que seria ou não literário. A mediação da escola nesse processo é primordial, pois no ambiente escolar são selecionados os autores e obras que devem figurar entre os monumentos nacionais e internacionais da literatura; assim sendo, todos que forem preteridos pelo critério de seleção da escola e dos próprios professores, serão considerados de “menor” valor em relação ao cânone tradicionalmente estabelecido. O bom senso do professor, os objetivos claros do trabalho que desenvolve em sala de aula nortearão a escolha adequada das obras a serem lidas e para isso, não é mister que se abordem apenas os livros que os “manuais” e que a crítica literária apontem como os melhores. O professor deve ter uma “autonomia responsável” para fazer a seleção criteriosa dos livros que servirão para um trabalho produtivo com literatura.

Em suas pesquisas, Rocco (1992) percebeu que algumas questões devem ser observadas para que haja uma boa aceitação por parte dos alunos. O enredo das obras selecionadas deve ter interesse, deve ter ritmo, não pode ser tão cansativo que o leitor prefira dormir a ler. Quanto à linguagem, para o nível de alunos de ensino médio o vocabulário precisa ser acessível, mais direto, portanto deve-se dar preferência a textos

mais atuais e deixar textos de épocas mais distantes para serem abordados quando eles tiverem uma maior maturidade literária. Outro ponto refere-se à extensão da obra; obras extensas demais, letras pequenas, trazem desinteresse rapidamente aos alunos. A última questão refere-se ao gosto; se o professor conhece as expectativas de seus alunos, ele saberá definir obras que realmente agradem aos estudantes, que possam ir ao encontro de seus desejos. O professor de literatura deve ter como objetivo fundamental estabelecer um contato efetivo do aluno com o texto, portanto as obras literárias selecionadas devem estar o mais próximo possível do que eles esperam, já que a experiência de leitura e a visão de mundo do adolescente ainda são mais restritas. A participação dos alunos na escolha dos textos a serem lidos e trabalhados seria um passo inicial para o entrosamento com a obra literária.

A partir do momento em que o professor começa a oferecer aos alunos a oportunidade de fazer leituras de textos e obras realmente significativos do ponto de vista de suas aspirações e conhecimentos prévios, pode-se então planejar alçar vôos mais altos, ou seja, o professor, paulatinamente, introduzirá uma literatura que seja mais aprofundada e abrangente, que desperte prazer, sem prescindir de um objetivo prático imediato. Mediante isso, e também de forma paralela, é importante incentivar o aluno para ir além das leituras, experimentando também o ato de elaboração de seus próprios textos. O aluno deve ser incentivado a explorar sua criatividade, sendo capaz de gerir uma escrita que o represente diante de si mesmo e do mundo.

Segundo Yunes (1995), leitura pressupõe fruição; ler é um ato que permanece vivo mesmo após o final da leitura, ficando internalizado no interior de quem lê. O ato de ler é inesgotável, continua a transmitir as sensações após o seu “suposto” término. Sobre o conceito de leitura, são pertinentes as palavras de Leite (1988, p. 91):

A leitura, na verdade, é uma arte em processo. Como Goethe, poderíamos todos reaprender a ler a cada novo texto que percorremos. Mas há sobretudo muito a aprender quando percebemos que ler não é apenas decifrar o impresso, não é um mero “savoir-faire”, a que nos treinaram na escola, mas ler é questionar e buscar respostas na página impressa para os nossos questionamentos, buscar a satisfação à nossa curiosidade.

Ler pode ser, sim, um grande prazer, segundo confirmam Aguiar e Bordini (1988). A leitura de textos literários tem finalidade de emocionar, divertir, garantir a

aquisição de um mundo imaginário gratuito, como se fosse um jogo lúdico, e, como todo jogo, a leitura também precisa de regras para que seu andamento seja satisfatório. Mas para que isso aconteça, é imprescindível que o professor prepare seu trabalho para as aulas de literatura respeitando um princípio básico: o professor deve ser “leitor”, ele deve ter lido previamente as obras que solicitar para seus alunos. Se o professor não lê, não é um leitor experiente, se não conhece algumas teorias literárias que norteiem seu trabalho, não terá subsídios para abordar literatura em suas aulas. Teorias literárias são instrumentos que devem ser bem manuseados pelos educadores com a finalidade de apreenderem melhor a literatura e poderem repassar e construir conceitos e valores junto aos seus alunos de forma produtiva.

Aguiar e Bordini (1988) refletem que os professores têm estado também “desmotivados” em relação à leitura, não se preocupando em oferecer atividades que despertem a criatividade e o espírito crítico nos seus alunos, ficando apenas no âmbito da aula expositiva, dos roteiros de livros e da fragmentação do livro didático. Esse esvaziamento do ensino da literatura pode ser revertido, se o professor de literatura procurar um maior embasamento teórico e se for um leitor mais assíduo. Para trabalhar bem com a literatura, parece óbvio que o professor não apenas “mande” ou “sugira”, mas também “faça”; ele deve sair da sua estaticidade, da fragmentação dos conhecimentos, da ignorância que torna os conteúdos mortos e partir para o entendimento de um método ou métodos específicos que possam organizar a situação de aprendizagem de acordo com as expectativas de sua classe. De alguma maneira, o professor precisa, no processo de trabalho com o texto literário, mostrar ao aluno o seu próprio prazer em ser leitor, em estar em contato com as obras literárias.

Os educadores, neste contexto, têm por lema o ditado “faça como eu faço”, ou seja, são pessoas que demonstram entusiasmo pela leitura; conhecem as características do processo de leitura a fim de encaminhar a prática pedagógica; selecionam textos potencialmente significativos para os seus alunos, apontando outras fontes particulares de que dispõem os assuntos estudados, incentivando o uso da biblioteca; são abertos a outras interpretações de uma determinada obra e aprendem com elas; preparam a estrutura cognitiva dos alunos a fim de que estes possam confrontar-se com os diferentes textos propostos para leitura; (SILVA, 1985, p. 59)

Se nas aulas de literatura, visa-se a alunos participativos, criativos, que formulem suas próprias teses sobre os livros, textos e até mesmo sobre o que o professor

transmite durante o desenvolvimento do trabalho, está claro que as aulas não podem ser mecânicas, com ouvintes passivos e dóceis, apenas repetidores sem atitudes autônomas.

O “prazer” do texto deve ser encontrado (reencontrado), sobretudo, pelo professor que trabalha com o ensino da literatura, prazer este, muitas vezes perdido em meio a dificuldades causadas pelo cotidiano escolar. Para tanto, se faz necessário aceitar a gratuidade da arte e da literatura, e assim destacá-la e valorizá-la em meio à sociedade do utilitarismo. Se o professor se apresenta plenamente motivado, buscando variadas estratégias concretas para que sua prática do ensino da literatura seja, por sua vez, motivadora, tem um bom início para que também os alunos se sintam atraídos pelas leituras literárias.

Na busca de alternativas que norteiem a relação do professor com os textos e com os alunos, o processo de indagação deve ser constante. A literatura é inesgotável, assim como todas as possíveis inserções que se pode fazer a respeito dela; as respostas são sempre provisórias, impulsionando novas buscas, novos saberes. Explorando essa inesgotabilidade, amparada numa teorização da prática docente, cria-se um bom caminho para o reconhecimento das potencialidades do texto literário, provocando no leitor a interpretação e, de certo modo, a coautoria.

O ensino da literatura não pode ser confundido ou reduzido à transmissão de ideias morais. Ensinar literatura consiste em destacar nela a contribuição efetiva para um exercício de linguagem coletiva e individual. O texto literário traz na sua própria construção o processo da escrita e da leitura, demonstrando uma experiência de reflexão na qual o leitor também é agente, na medida em vive e que pode levá-lo a uma transformação, no embate com suas vivências individuais. No processo de recepção, o leitor assume sua postura de coautor da obra lida, atribuindo sentido aos textos, colocando-se numa condição de criticidade em relação à leitura, enfim, assumindo um papel de leitor-sujeito.

O professor de literatura deve tentar recompor os fragmentos apresentados pelo livro didático, preocupando-se em instruir os alunos para que tentem formar uma visão de mundo coerente a partir do mundo literário. É função do professor de literatura chamar à vida as páginas mortas dos livros, abrindo discussões intertextuais e até

interdisciplinares, estabelecendo pontes entre os indivíduos e os textos, entre a escrita e a leitura, entre seus alunos e eles mesmos. O diálogo, a busca, a troca, a dúvida devem estar presentes suscitando interação permanente durante o processo de contato com a obra literária, despertando nos leitores o gosto pela leitura.

A RECEPÇÃO LITERÁRIA COMO SUPORTE PARA O ENSINO DA LITERATURA

Estudos sobre o processo de recepção literária têm discutido o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo, além de reconstruir o caminho histórico que traz o texto a diferentes leitores de épocas diversas. A teoria da recepção despertou um novo interesse para as pesquisas em história da recepção e sociologia da leitura, disciplinas que promoveram uma mudança de paradigmas no estudo da literatura. O conceito fundamental da teoria de Jauss (1978) é que a obra literária está dirigida ao leitor. Para esse teórico é necessário estabelecer a comunicação entre texto e leitor para avaliar-se a experiência desse mesmo leitor num determinado momento histórico.

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete. (JAUSS, 1994, p. 25)

Para a estética da recepção, há algumas obras que não exigem do receptor qualquer mudança em seu horizonte de expectativas e outras que rompem com o horizonte conhecido, formando um conhecimento novo para o leitor. Dessa maneira, o leitor é levado a reconhecer-se e reconhecer as coisas do mundo, com criatividade, sem que a obra deixe de se atualizar a cada leitura.

Segundo a Estética da Recepção, o sentido da leitura literária se dá na fusão entre os dois momentos básicos do processo: o momento do efeito, que é condicionado pelo texto, e o momento da recepção propriamente dita, que parte do leitor. Enquanto se entrecruzam as experiências trazidas pela obra e pelo leitor, é iniciado o processo de significação. A compreensão decorre da percepção estética, e é o início do processo de leitura. Posteriormente à leitura compreensiva, temos a leitura retrospectiva, na qual se dá a interpretação, e que assim se chama, porque se pode, no processo, voltar do fim

para o começo ou do todo ao particular. Só depois o leitor estará preparado para a leitura histórica, ou seja, para o momento de recuperar a recepção da qual a obra foi alvo no decorrer do tempo e assim, o próprio leitor verifica sua atuação nesse ciclo temporal. É um momento em que, através da interação e questionamento do texto, o leitor também é levado a interrogar-se.

Sendo assim, toda e qualquer obra literária só se legitima diante da ação do leitor, deixando em segundo plano tanto o trabalho artístico do autor, como também, o próprio texto literário criado. É a submissão da tirania formalista ante a soberania do leitor, numa clara transformação dos paradigmas literários, pois sob o viés da Estética da Recepção, o que mais interessa é o confronto entre a obra construída pelo autor e as reconstruções elaboradas pelo leitor. O texto deixa de ser um objeto estanque e a leitura passa a ser um processo de reconstrução constante da obra literária, pela intervenção do leitor. Os leitores apresentam suas expectativas em relação a uma obra, já maculadas por outras leituras realizadas anteriormente, especialmente aquelas que pertencem ao mesmo gênero literário. Porém, Iser (1999) pondera que, embora o texto utilize as experiências individuais de seus leitores, é o próprio texto que estabelece as condições; portanto, a participação subjetiva de cada leitor é também controlada, preenchendo os sentidos do texto com os conhecimentos sedimentados de cada leitor.

O Método Receptional valoriza a fruição como meio de trazer o gosto pela leitura, sem se afastar da dimensão histórica da obra, mas podendo ser inferida pelas condições de recepção que variam com o passar do tempo. Uma obra só resiste ao tempo em função da atuação do público e não em função dela mesma; a estética da recepção concebe, assim, a obra literária como um objeto histórico.

Torna-se, assim, muito importante considerar as condições históricas que influenciam a atitude do leitor do texto em relação ao contexto social. A Teoria da Recepção privilegia, então, a reconstrução histórica que ambienta a recepção do leitor. A história e a literatura podem estar intimamente ligadas, desde que haja uma relação criativa entre elas:

O abismo entre literatura e história, entre o conhecimento estético e histórico, faz-se superável quando a história da literatura não se limita simplesmente a, mais uma vez, descrever o processo da história geral conforme esse processo se delinea em suas obras, mas quando, no curso da “evolução literária”, ela revela aquela função verdadeiramente

constitutiva da sociedade que coube à literatura, concorrendo com as outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais. (JAUSS, 1994, p. 57)

Por outro lado, a recepção também procura aprofundar a relação entre texto e leitor, verificando a resposta que esse leitor elabora, a partir dos pontos indeterminados que são acionados no ato da leitura. O leitor é exigido durante o ato de leitura para preencher os “espaços vazios” do texto, projetando a si mesmo e às suas expectativas, mas não independentemente do próprio texto. Tal ação só é possível graças à sua capacidade de imaginação, combinada aos demais fatores textuais. Os vazios fazem parte da estrutura do texto, assim como as suas negações, e servem para orientar ou comandar a ação projetiva do leitor. Segundo Jauss (1994), o valor estético do texto está na sua possibilidade de estabelecer relações nos vazios, naquilo que não é captável, e quanto mais houver um distanciamento entre o já conhecido e a mudança do horizonte de expectativa exigida pela obra lida, maior será o caráter artístico de uma obra literária.

Cabe ressaltar que a Teoria da Recepção não anula a importância da criação literária, ou seja, o papel do autor. As escolhas, estratégias de construção textual e o uso que o autor faz da linguagem revelam-se no próprio texto, bem como os aspectos culturais, políticos, ideológicos, e discursos, recursos essenciais para a estruturação do texto e para estimular o leitor à interpretação.

A partir de uma concepção de ensino da literatura em que a recepção do texto literário é posta como fator preponderante, atribui-se aos alunos um movimento dinâmico, pois eles não apenas consomem as informações que o professor transmite, mas eles próprios produzem textos, escrevem e leem, trabalhando com as experiências que vão adquirindo no decorrer do processo das leituras.

O Método Recepcional pressupõe o conhecimento e aproveitamento do repertório do leitor, respeitando suas expectativas e trabalhando no sentido de alargá-las. Com essa concepção, não se fará a imposição do conceito que a crítica estabelece sobre as obras, embora se reconheça sua validade e pertinência; dar-se-á oportunidade para que o aluno possa estabelecer outros discursos possíveis a partir da leitura de obras literárias. Motivar os alunos a formularem suas interpretações e juízos de valor, que fique claro, não significa aceitar que eles se enveredem por entendimentos

esdrúxulos, equivocados ou completamente impertinentes; ou seja, deve-se nortear, em determinados momentos, a “mente inventiva” do adolescente, possibilitando que ele seja sim criativo e original em suas ideias, mas que também mantenha-se no nível das interpretações ditas “autorizadas” do texto. Sobre isso, é muito propícia uma fala de Eco (2003, p. 12):

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante de ambigüidades e da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto.

O ensino da literatura é uma atividade globalizante que se justifica por um fazer transformador, formando novos significados, causando mudanças sócio-culturais, motivando uma postura crítica diante da realidade. Não existem fórmulas prontas para o ensino da literatura; conta-se com o bom senso e sensibilidade do professor, além, é claro, de uma preparação advinda de muitas leituras e de um planejamento assentado em ideias teóricas que permitam uma boa adequação entre os propósitos do professor e as aspirações dos adolescentes. Ensinar literatura depende de posturas teóricas, pedagógicas e políticas. Sabe-se que mesmo a escola sendo um ambiente dito “democrático”, esse espaço é também um reduto de vários níveis de exclusão. Um ensino da literatura eficiente e prazeroso deve ter em vista estes pontos para desmistificar o texto literário como uma atividade essencialmente elitizada, como um saber universal que só pode ser captado por uma minoria. Não é assim que se constroem leitores. Promover o diálogo com a literatura significa poder aflorar as contradições, as contestações que surgem no ato da leitura. Portanto, ensinar literatura pressupõe ir além de obras isoladas e analisar a função do discurso e os fatores que o condicionam.

Por muito tempo a obra foi um objeto fechado em si, autossuficiente que, absolutamente, não significava, “era”. Dessa forma, o texto literário não se prestava a interpretações, não tinha “brechas” a serem preenchidas pelo leitor e, este, deveria ser

apenas capaz de fazer uma leitura objetiva e descompromissada; a recepção era um fato que não fazia qualquer sentido. O estruturalismo considerava o leitor como um ente intruso no processo de funcionamento do texto. O único lugar atribuído ao leitor, pelos estruturalistas, é o de leitor ideal ou perfeito, ou seja, um leitor que em nada se parece com o leitor real, que se comporta de forma limitada, curvando-se ao que o próprio texto sugere. Para Jauss (1994), o público leitor tinha um papel extremamente limitado, privando a literatura das dimensões de sua recepção e de seu efeito.

Atualmente, essas concepções são refutadas em prol de teorias que trazem o leitor real para a cena da leitura, e que não concebem a obra literária como sistema hermeticamente lacrado, impenetrável pela ação do leitor. A motivação para a leitura passa a ser mais pessoal e livre da obrigação de alcançar uma leitura correta, pois, na experiência da leitura, o leitor se transfigura em autor. Compagnon (2001, p.143) afirma que “A leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação.” Ele explica o que é o leitor e qual sua relação com o livro:

O leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro. (COMPAGNON, 2001, p. 144)

Um ensino da literatura centrado na experiência do leitor com a leitura objetiva colocar em evidência a troca da obra com o receptor, a partir da lógica da pergunta e da resposta dentro do próprio texto, relacionando o cognitivo com o emotivo, objetivando a fruição do texto, construindo sentidos e relacionando-os com a realidade do leitor. A atividade de leitura embasada no Método Receptional prevê a atitude participativa do aluno no contato com os diferentes textos. A partir desse procedimento teórico os alunos serão estimulados a utilizar seus conhecimentos e vivências anteriores para estabelecerem uma relação entre o horizonte de expectativas já internalizado e as contribuições adquiridas com as novas leituras.

CONCLUSÃO

O texto literário é compreendido como um meio de estabelecer uma espécie de contrato de concordância entre leitor e autor. Dessa forma, a linguagem literária é

extremamente importante para uma formação linguística, além de demonstrar que a forma de escrita dos autores é o ponto alto de suas produções, e que a temática dos textos, na verdade serve a essa linguagem artisticamente trabalhada. Em seus estudos sobre literatura, Colomer (2001, p.3) enfatiza a importância da linguagem literária para a formação linguística dos educandos:

Esta línea de estudios, denominada a veces “el trabajo del grupo de Cambridge” ha ido concediendo una importancia creciente a la literatura como andamiaje privilegiado para la experiencia de la capacidad simbólica del lenguaje y como escenario natural del desarrollo de la motivación y de la adquisición de las habilidades de acceso a la lengua escrita.

Perceber que através da linguagem literária pode-se delimitar um elo entre as gerações, relacionando a fala viva do passado com sua atualização no presente, consiste numa das grandes essências do trabalho com a literatura e que é capaz de despertar o leitor adormecido dentro de cada um dos estudantes, impulsionando-os para a condição de sujeitos críticos. Além disso, o ensino da literatura pode tornar os estudantes um pouco mais competentes para a análise e interpretação de textos literários, avaliando os recursos de expressão, observando a estrutura, apreendendo como a forma e o conteúdo se moldam um ao outro, verificando as marcas pessoais da linguagem de cada autor estudado, e percebendo a influência do contexto histórico-social na produção e na recepção.

É importante adotar uma postura que não privilegie o enfoque cronológico dos movimentos literários, com vistas a não proporcionar aos alunos apenas uma visão conteudista e enciclopédica da literatura. Pelo contrário, é interessante focar o texto literário em si e na amplitude de suas relações com o leitor e com outros textos.

Os estudantes (leitores) reclamam para si o papel de sujeito durante as aulas de literatura, eles rejeitam as aulas monológicas, totalmente expositivas, em que o professor e o livro didático são os únicos enunciadores. O debate e a ação de compartilhar os textos literários constituem o caminho que pode auxiliar cada leitor da sala de aula a vencer suas próprias dificuldades de leitura e aumentar sua disposição para aprender literatura.

Focando o trabalho no papel imprescindível do leitor, rompe-se com a descrição objetiva do texto literário, resgatando a dimensão histórica viva da obra literária. O

estudo da recepção literária torna-se, assim, elemento fundamental para que o trabalho com a literatura seja desenvolvido. O leitor desenvolve um posicionamento de recriação e até mesmo de cocriação do texto literário, analisando os elementos do contexto social, do público, da ideologia e por outro lado, de forma dialógica, estabelece relações com outros textos, literários e não literários, de diferentes épocas, verbais e não verbais.

A concepção de texto literário deve ultrapassar a noção de obra como unidade autossuficiente, como sistema fechado e de existência independente do leitor. Através do trabalho com o texto literário pelo prisma da recepção, as obras são analisadas como estímulo que só é realizado em sua plenitude durante o ato de leitura. Portanto, fica nítida a presença marcante do leitor, que vai muito além do ato de decifrar o código verbal e compreender as informações; o leitor não tem uma atitude meramente descritiva, sua atitude é de participação efetiva na construção dos sentidos.

É mister enfatizar que o professor precisa ter consciência sobre a responsabilidade de encaminhar o processo de contato entre leitor e texto literário na escola. Uma vez consciente da especificidade do objeto literário, o professor deixa de prender-se à tradicional aula de literatura que apresenta a cronologia histórica das estéticas literárias e passa à leitura efetiva dos textos literários. Tendo em mente essa abordagem, pode-se desenvolver aulas dialógicas que gerem um grande envolvimento dos alunos e do professor. Cereja (2005, p. 53), em sua pesquisa sobre o ensino da literatura na escola secundária, reafirma o ponto de vista explanado até aqui:

[...] a expectativa do aluno é que o ensino de literatura se torne significativo para ele, ou seja, possibilite o estabelecimento de nexos com a realidade em que ele vive, bem como de relações com outras artes, linguagens e áreas do conhecimento.

Em última instância, o texto literário deve ser colocado em evidência nas aulas de literatura, promovendo um espaço no qual sejam realizadas diferentes leituras e construções de sentido, motivando o desenvolvimento das atividades leitoras dos alunos. As estratégias utilizadas devem fugir ao engessamento das práticas tradicionais de ensino da literatura, valorizando o papel do professor no processo ensino-aprendizagem, selecionando obras que sejam condizentes com a faixa etária dos alunos, abordando temas atuais e que se adequam aos interesses de todos os

envolvidos durante o desenvolvimento das aulas. Sobretudo, o ensino da literatura deve primar pela tentativa de compreender melhor e respeitar a literatura em sua historicidade, não desprestigiando as tradições culturais e linguísticas, mas priorizando suas particularidades, e o diálogo constante da literatura com outras artes e linguagens, sem perder de vista o objeto central – o texto literário – e a sua realização em contato com a recepção do leitor.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. *Notas de literatura I.34*. ed. Tradução: Jorge de Almeida. São Paulo : Duas Cidades, 2003.

CEREJA, William Roberto. *Ensino da literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

COLOMER, Teresa. La enseñanza de la literatura como construcción del sentido. *Lectura y vida* – Revista Latino-Americana de Lectura, Buenos Aires, ano 22, n. 1, p. 6 a 23mar. 2001. Disponível em: <http://www.lecturayvida.org.ar/pdf/colomer.pdf> . Acesso em: 6 set. 2008.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da Teoria – Literatura e senso comum*. UFMG: Belo Horizonte, 2001.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Tradução: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ISER, Wolfgang. A interação do Texto com o Leitor. In: COSTA LIMA, C. (Org.). *A Literatura e o Leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 2.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Pour une esthétique de la réception*. Tradução: Claude Maillard. Paris: Gallimard, 1978.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2001.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ROCCO, Maria Tereza Fraga. *Literatura e ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1992.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura & realidade brasileira*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

YUNES, Eliana Lúcia Madureira. Pelo avesso: a leitura e o leitor. *Revista de Letras*. Curitiba, n. 44, 1995.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.